

O PYRILAMPO.

JORNAL LITTERARIO, COMMERCIAL E NOTICIOSO.

EDICTOR, J. P. LOPES.

REDACTORES--DIVERSOS.

Publica-se á 1 e 15 de cada mez, na typographia do *Despertador* e subscreeve-se nesta cidade da Laguna, a 2000 por trimestre pagos no acto de assignar. Serão aceitos, o teráo publicidade *gratis*, todos os artigos litterarios e os que tratarem de interesse geral do municipio ou da provincia em geral. Não se recebem correspondencias sobre assumptos particulares.

O PYRILAMPO.

LAGUNA 1 DE NOVEMBRO.

NOTICIARIO.

Deu-se principio no dia 27 do passado, segundo nos consta, a admissão de menores para a companhia de aprendizes ultimamente creada nesta cidade, e já se têm apresentado á matricula não pequeno numero de meninos.

A criação de uma companhia de menores nesta localidade foi uma dessas inspirações felizes, prodigas em bons resultados.

Nas melhores condições phisicas e abundando de meninos indigentes, que têm por pais a miseria, a ignorancia e a ociosidade, essa origem fatal de muitos vicios e crimes, nenhuma outra localidade offereceria maior numero de condições favoraveis ao incremento de uma instituição como esta.

Entretanto bem largo tempo se passou desde o decreto de sua criação sem que se quer uma providencia se dêsse no intuito de leval-a á effeito.

Não indagaremos as causas dessa procrastinação. Há na administração publica interesses e conveniencias que cumpre ter sempre em vista, e de que não se pôde prescindir.

Hoje, que a vemos realisada, e que nutrimos as mais fundadas esperanças sobre seu rapido desenvolvimento, pelo alto conceito que fazemos do digno official que tem a seu cargo a sua organização, cumprimos um dever bem grato ao coração, recommendando ás familias pobres e indigentes, esta instituição benefica, que será para seus innocentes filhos expostos a todas as vicissitudes da vida, um asylo seguro e de incalculaveis vantagens.

Alli vão elles achar o pão de cada dia certo e do melhor, a satisfação a todas as necessidades phisicas e moraes, e a par uma educação e instrução compatíveis, o amor do trabalho &c. Não mais o debater-se na miseria, não mais a fome e o cortejo de incruentos males que traz

consigo a indigencia em um certo ponto, não mais a perspectiva de um futuro duvidoso,—talvez de devassidão, talvez de desregramento moral, talvez de vicios e crimes abominaveis.

Não exageramos.—A pobreza em um certo ponto, casada com a ociosidade, traz o esquecimento de certos preceitos, e é muitas vezes a mãe de muitos crimes, a causa de muitas dôres.

As companhias de menores são um asylo para infancia desvalida, onde ao abrigo de todas as necessidades phisicas, no meio da abundancia, dos cuidados e solicitude paternal de superiores bondosos, ella liberta-se da ociosidade e da miseria, da perspectiva dos máos exemplos, do desbotamento de todas as esperanças, e engrandece-se pela instrução regular que se lhe ministra, pelo amor do trabalho e pela nobre missão futura, cujos preceitos e pratica se lhe vai incutindo no animo.

Vós, pais e mães indigentes, que vedes vossos filhos innocentes pedindo-vos o pão que não tendes, que os vedes rotos nos trages e com as carnes nuas supportando os rigores das estações, que lhes não podeis desbravar do espirito a ignorancia, que não tendes onde os ir acostumando ao trabalho, vós commettereis um crime perante Deos e a sociedade se os deixardes assim continuar, se vos não souberdes aproveitar desta instituição benefica, onde acharão a satisfação de todas as necessidades, e donde um dia sahirão homens uteis á si, á vós e á patria. A patria! esta palavra echôa tão doce no coração, que o estremece. Que missão mais nobre, mais honrosa do que servirmos a ella? Que ventura devermos-lhe a nossa educação, o nosso bem estar, a nobreza de nossos sentimentos!

Bem hajas tú, illustre brasileiro, que proporcionaste á infancia desvalida do teu paiz um asylo tão util.

Escrevemos rapidamente, e porisso finalisamos aqui nossas considerações sobre esta tão vantajosa instituição. Talvez com mais espaço voltemos ao mesmo assumpto.

Teve lugar no domingo ás quatro horas da tarde um pequeno entretenimento no lugar denominado «Cascata da Gloria». Numero-so concurso de Senhoras e Senhores ahí comparecerão. As commissões nomeadas para esse fim, não pouparão os seus esforços para maior regosijo dessa festa campestre, o amplexo da mais perfeita união e prazer entre as familias. A Sociedade musical—Euterpe Juvenil—prestou-se como sempre em abrilhantar esse entretenimento com a execução de algumas peças.

E ella incansavel, é sempre ella que em nossos festejos vem dar o realce.

Um dos seus socios o Sr. Ovidio José da Rosa preparou e ensajou uma marcha intitulada—Saudação a Cascata da Gloria—que foi executada nessa occasião.

Damos os nossos emboras a Sociedade—Euterpe Juvenil,—e bem como a esse Joven, a quem pedimos que não trepide na carreira que prosegue, cultivando a sua intelligencia que começa a desabrochar.

Fomos obsequiados com o novo jornal *O Periodico da Semana* que se publica na Capital desta provincia, ás terças-feiras de tarde. Ao seu Edictor cabe-nos agradecer sua attenção, e felicital-o pelo apparecimento do novo e illustrado órgão.

Foi designado para o dia 14 do mez corrente o Jury desta cidade.

Foi sepultada no Cemiterio desta cidade no dia 27 do mez findo D. Joanna Maria da Conceição, natural da Cidade do Desterro, e moradora na Freguezia da Pescaria Brava, e tendo de idade 111 annos.

Consta-nos descender della duzentas á trezentas pessoas. Buscaremos vêr se obtemos de algum de seus parentes uma relação minuciosa de sua descendencia para transmitir aos leitores.

PARTE LITTERARIA.

Um momento de reflexão.

A' Dr. L. D. P.

Momentos ha na vida, que o homem mergulhado em serios pensamentos, não tem prazer algum; sua alma como que petrificada não experimenta sensações. Muitas vezes uma lagrima desprende-se pela

face, signal evidente de alguma magoa possuida em seu coração. Essa lagrima é uma decepção para todas as nossas esperanças, como a lava de um vulcão queimando-lhe as faces. Essa lagrima muitas vezes é um balsamo que suavisa esses profundos sentimentos que existem dentro de nossa alma! Agora mesmo sinto o effeito de uma dessas que como consolação se me desliza pelas palpebras. Minha imaginação percorrendo a região aérea, vai bem longe parar, e ali recreia-se em admirar tudo quanto na infancia me alegrava. Contempla e admira um anjo sentado em um sofá assiduamente cosendo; esse anjo é uma irmã.

Ri-se e chora ao mesmo tempo em ver o ente que mais presamos sobre a terra afdigir-se pelo decurso do dia para dar o recto movimento á todas as cousas. Esse ente é uma mãe, mais caro objecto que neste mundo temos!

Depois do pensamento haver admirado esses quadros, e esses brincos infantis, que são recordações do passado, vem tornar-se em seu verdadeiro estado! Desapparece qual uma nuvem pelo vento tocada, tudo quanto a nossa mente preocupava; a imaginação chega ao seu lugar depois de sua perigrinação, e tudo que ella contemplava e admirava, jámais avistar pôde.

Eis ahí o estado normal de alguns momentos na vida do homem, eis ahí a causa da profunda melancolia em que nos ingolphamos quando a imaginação se recreia em admirar outras cousas que se passão fóra de nós!

Laguna 20 de Maio de 1862.

L. P. J.

O ciúme.

O ciúme é uma paixão que algumas vezes nos arrasta á loucuras e desatinos, mas nem sempre nos torna desgraçados.

Delle nascem as chimeras, as desconfianças, e uma serie de illusões que servem para arraigar mais o amor. O ciúme nasce do amor, sem o que esse sentimento tão puro e innocente não poderia existir. O amor sem ciúme é qual o batel sem governo, lutando com as ondas sem ter direcção.

O ciúme pois domina o amor servindo-lhe de bussola, e assomando-se em todo o seu auge lhe dá o governo. Na pudibunda e casta donzella, na pequena e esperta criança, na tímida e mansa ovelha, e finalmente na terna e triste rolinha existe o ciúme.

O amor, segundo a phrase de Salomão, é forte como a morte, e cruel como o inferno, gera o ciúme!

E' pois no verdadeiro e puro amor que permanece o ciúme.

A criancinha que vê chegar ao collo de sua mãe uma outra criança, estranha e chora enraivecida; e que exprimem essas lagrimas? — Ciúme! —

A pudibunda e casta donzella que á janella se apresenta, e vê o joven com que se tem de ligar nos laços matrimoniaes, encarando sem intenção para uma outra virgem, cuja bellez a nós admiramos, córa á este acaso, manifestando pelas suas rosadas faces as emoções que sente o seu coração; o que querem dizer essas emoções? — Ciúme! —

A ovelha que apascentada pelo jovial pastor vê além de um vallado seu filhinho que aconteceu desviar-se de si para juntar-se ás suas companheiras, bala desesperadamente — o que isso exprime? — Ciúme! —

A terna rolinha que cuidadosamente cria os seus implumes filhinhos, e vê chegar ao seu ninho (emquanto busca alimento para elles) uma jurity, vóa immediatamente a expulsar a desconhecida; — o que quer isso dizer? — Ciúme! —

Eis pois o ciúme dominando os verdadeiros amores, porque os falsos são proprios da louca e vaidosa mocidade.

Laguna 29 de Março de 1864.

O Bisinho.

CHRONICA LAGUNENSE.

Prolonguei-me um tanto com a narração da passada chronica, e hoje resumido serei, porque tenho pouco que contar-vos. Apósto como os leitores ainda não adivinharão quem sou?

Tambem para que? Para se levantarem contra mim porque digo as verdades?

Tenho muito amor ás minhas costas, com quanto saiba que esta minha terra é de paz. Ha aqui certos individuos... . fação-me o favor... . Muita alegria, muitos offerecimentos, sahe o homem tranquillo e satisfeito da companhia dessas amabilissimas creaturas, (a casaca é quem paga) e vai para casa e diz cheio de prazer: que homem bondoso! que amabilidade!!... .

Ora já virão?! E a graça é que como chronista loco tambem a minha viola. Ando agora em procura do homem da capa preta, que movido pelo seu genio critico, quiz desmenir a Redacção do *Pyrilampo*. Provavelmente hei de encontrar-me com elle para dizer-lhe... nada inteiramente, uma vez que a Redacção já lhe disse o que pretendia dizer. Que mania de homem!... safa!... que genio!... que egoista!... que individuo para escrever tão mordazmente sem receio de ser confundido.

Nada, desta maneira convem retirar-me d'aqui e imitar a Diogenes fazendo a minha residencia no morro da Vigia dentro de uma pipa.

Nem assim mesmo es'ou livre dos rabequis'as de profissão que são capazes de dizer que esta minha resolução é loucura. Que tem que digão se conheço que ha aqui uma propensão para contrariedades?

Agora que tenho expendido aos leitores as minhas intenções, passo a expô-lhes algumas cousas que por certo hão de agradar.

A liberdade de exprimir o pensamento nesta cidade, está vedada. Já não se pôde escrever. Os criticos abundão *in magna quantitate*. Oh! que criticos!... Criticos que são criticados por criticarem d'aquillo que não devem criticar. Sou capaz de apostar em como os leitores não me comprehenderão.

Melhor, porque irei fallando por metaphora.

Tivemos depois de longo tempo um baile em que me achei presente, por andar louco para espichar as gambias.

O salão estava simplesmente preparado, porém com elegancia.

Devisava-se entre as damas e cavalheiros o prazer. A musica es'eve sofrível, e a mais pura harmonia reinou até duas horas da madrugada, quando finalizou-se.

E' sempre nessa hora que os corações sentem, é nessa hora que os labios murmurão baixinho: — como esteve bello o baile!... — é nessa hora emfim que as damas dão do fando d'alma os beijos de despedida.

Por fallar em beijos! Saiaão os leitores que esta moda ou politica entre as Senhoras, tem em breve de passar aos homens, e eis-nos beijando uns aos outros. Como ha de ser interessante!!... .

Consta-me que os baldes vão se acabar. Oh! que pechincha! Só assim poderei passear tranquillamente sem receio de ser levado pelos ares.

Se me fosse licito pedir para que se acabem os chaçãos typographicos, seria uma felicidade para a humanidade que geme com o peso de semelhante *catimporio* na cabeça. E as casacas? Ora isso, vá, porque de tempo em tempo é que apparecem. A minha foi feita em 1840, porém ainda está na moda, apenas tem as abas um tanto curtas, e as mangas um pouco apertadas que não consentem que os braços fação movimento.

Bem pesaroso vou transmittir aos leitores uma noticia que um amigo me communicou, e que bastante sentirei se commettei o realisar-se. O *Pyrilampo* vai desapparecer porque sua luz tem encommodado alguém; não sei o motivo, pois o pequeno insecto não faz mal algum, apenas apparece de quinze em quinze dias aclarando as cousas jazidas nas trevas.

Tudo é assim!... Pobre insectosinho!... Vai, foge para bem longe, porque aqui ha quem te deseje a morte, e és encarado com odio mortal! E por quem? Oh! tristes e bem tristes são essas cousas!... Foge, e quando de novo appareceres faze luzir teu fogo com mais intensidade para desta fórma clareares como deves, certas cousas.

Porém o que é isto?! Não querem vêr como me tornei tão apologista do *Pyrilampo*? Será porque coube-me a honra de escrever a chronica duas vezes? Seja lá como fôr, o caso é que estou um tanto *hypotredico* pensando nessas cousas, emfim:

Respondão os Sabios da escriptura,
Que segredos são estes da natura.

Disse aos leitores que seria resumido desta vez, porém menti assim me expressando, porque a festa da Casca da Gloria deu-me panno para mangas.

Já devem saber que houve ratão que se lembrou de fazer uma pequena e mal franhada descripção da tal Casca'a. Ora, á vista de semelhante descripção, o publico julgando ser algum portento ou abortido da natureza, foi vê-la. Entre muitas

peçoas que a esse sitio forão, eu fiz parte e tive de aproveitar o seguinte para transmittir aos leitores.

Um gaiato pensando obter geral applauso do respeitavel publico, pôz uma cavelra por cima de um distico que ali havia, querendo por essa fórma mostrar o progresso de suas e achando que o nome de Cascata era improprio, a baptisou — Cachoeira —.

Foi nomeada uma commissão para mandar preparar o caminho e os mais arranjos, e outra para receber o illustrado publico, e a sociedade musical EUTERPE JUVENIL. Dois dias antes da festa, ainda se preparava o caminho, appareceu um desses homens que da natureza não se admira, e chegando na verdadeira Cascata, dirigio-se a um individuo que ali trabalhava e lhe perguntou: — O Sr. não me dirá aonde é a Cascata? — O individuo rio-se por semelhante pergunta e lhe respondeu: — V. S.ª está n'ella — — Pois é aqui? — disse o homem escarneccendo: — Ora já virão? . . . — Como não gostasse do precipitar das aguas retirou-se logo, deixando o individuo confuso, e tambem em duvida se aquillo seria Cascata.

Depois de reflexionar por muito tempo, disse consigo mesmo: — Ou isto não é Cascata ou este homem é dos taes que foi a Roma e não viu o Papa.

Chegou finalmente o dia da festa. A's tres horas já um concurso de Senhoras e Senhores partião para a Cascata. As commissões nomeadas fizeram o que es'teve ao seu alcance. O caminho tinha ficado peor no preparar-se, mesmo o estreito lugar em que existia a cachoeira ficou pessimo no arranjar-se.

Os arcos erão só folhas e bem assim o coreto, até os disticos exprimião não sei que de floresta. Foi uma verdadeira romaria. A's quatro horas chegou a Sociedade EUTERPE acompanhada da commissão de recepção; nessa occasião houve q' em lésse alguma coisa (não sei para que) incommodando alguém. Ao principio ninguém quiz beber a agua porque era de sabão, ao depois sabendo que era estomacal, não receiarão. Distribuiu-se alguns bouquets entre as Senhoras, ficando algumas d'ellas sem elles por serem poucos. Como nesse lugar só imperasse a natureza, foi annunciada a conclusão da festa por trovões.

Seguiu-se para o morro do Moinho, e nesse trajecto principiarão as rabecas e violas a tocar. Uns queixavão-se do caminho porque não era calçado, outros do morro, outros por não acharem assentos, e outros finalmente por que não entrarão em o seu contingente pecuniario para todas essas cousas e brilhantismo dessa romaria na fallada Cascata, já ha muito conhecida por todos habitantes desta cidade, e jazida no abandono por quasi que todos.

Chegámos ao Moinho; a EUTERPE executou algumas peças em saudação a cidade, e houverão alguns vivas em despedida. Houve á noite uma pequena reu-

niao de um dos membros das commissões e se achava a Sociedade EUTERPE que não obstan e estar fatigada por seus serviços prestados nessa romaria, ainda tocava com prazer.

Agora, leitores, que vou concluir a Chronica, peço-lhes a sua attenção para o conselho que vou dar ao tal escriptor da Cascata, e isso será na fórma de um discurso:

SENHOR.

Este mundo, como sabeis é egoista, é um composto de intrigas, enganos e traições, é o que ha de ser? . . . ponho final.

Sigo. Não façais cousas que incommodem a tanta gente, porque fazendo o que fizestes como para recieio tão-sómente de nossas familias, fostes recompensado. (que vergonha !) com um pasquim. Nós não queremos. . . . sim, não queremos. . . .

Desculpem os leitores não poder concluir com o discurso por me achar incommodado; a conclusão ficará para a seguinte Chronica, então á quem competir se desenvolverá a respeito do respectivo respeito.

Laguna 20 de Outubro de 1864.

O Chronista.

ALLOCUÇÃO DEDICADA A SOCIEDADE MUSICAL — EUTERPE JUVENIL — POR OCCASIÃO DE SAUDAREM A CASCATA DA GLORIA.—

He com o mais vivo prazer que vos recebemos neste ameno lugar onde só a natureza impera, onde não sentireis senão as flores silvestres exhalarem os seus perfumes e não ouvireis senão o precipitar das agoas da Cascata que hoje viestes saudar, e os canticos alegres dos seus plumosos habitantes que pousados nos mais altos ramiños dos arbustos que aformoseão este lugar, vos agradecem esta saudação!

Senhores! As commissões presentes sabendo que vinheis hoje a este lugar saudar a Cascata da Gloria, quiz partilhar com vosco desse prazer, por isso proporeionou entre amigos o presente festejo descripto em nosso programma, como devicis ter apreciado. A festa neste retiro solemnizada, manifesta apenas um entretenimento campestre prodigalisado ás nossas familias, uma união amplexa que constitue a força do progresso, desenvolvimento, e engrandecimento de uma cidade, o desejo em fim da continuação desses entretenimentos em que não reina o luxo e a vaidade. E' um folguedo tão simples, commum e agradável, que não ha um coração entre nós que não palpita, e que por si os labios expandam o riso prazenteiro do gozo que partilhamos com esta fraternal união.

Eis, meus senhores, qual a ideia que tivemos com a realisação da presente festa! Terminando esta allocação, tecemos á Sociedade —musical-Euterpe— os nossos encomios pela feliz lembrança que tiverão seos membros de vir saudar a Cascata da Gloria —que existe neste retiro collocada entre diferentes arbustos pela mão da natureza.

Laguna 23 de Outubro de 1864.

Por J. Peixoto Lopes.

S OS

DEDICADOS AS LAGUNENSES, POR OCCASIÃO DE SAUDAREM A CASCATA DA GLORIA, DOMINGO 23 DO CORRENTE ÁS 5 HORAS DA TARDE.

Salve! Trez vezes, salve augusto bando, De Licezis formosas; eu vos saúdo; Da virtude, o exemplo neste mundo, Encarnado em vós me está ditando.

Salve! Estrellas rutilantes bellas; Da Juliana terra, dotes divinos; A' vós tod'os meus cantos, e os hymnos Dos ternos passarinhos destas selvas.

Aqui!! nestes montes, onde a relva, Da primitiva côr, sempr'enseitada, Encerrada jazia, e desprezada, Da natura um portento, q'eu sonhára.

Mas um dia, que o Céo todo risonho, A floresta revestia maior galla, De Lopes (1) no recinto, so ouve a falla, A quem aberto tinh'os Deuzes o caminho.

Sente alegre o coração pulsar no peito, E ao orbe diz qu'existe uma cascata; Aqui! onde circumda esta mata, Cujas folhas celebrisão o bello feito!

O povo assi convoca, e adiente, O Caminho mostrando a Romaria, Todos o seguem, com garbo, e bizarría, A saudar da natura, a obra ingente.

.....

E vós mimosas flores, a quem por sorte, De jardineiro me coube, o desempenho; Aceitai das commissões o forte empenho, De gratidão que agora vos transmittite:

E os mais puros, ardentes votos, fazem Para que prazenteiras como agora, Continueis a florir esta paragem.

José P. d'Oliveira.

Oração funebre

OFFERECIDA AO ILLM. SR. CAPITÃO LUIZ MARTINS COLLAÇO, EM TESTEMUNHO DE PROFUNDO SENTIMENTO PELO FALLECIMENTO DE SEUS PREZADOS FILHOS.

A noticia d'um adulto entristece aos amigos; mas a noticia da morte d'um adolescente entristece aos amigos e aos estranhos!

(P. D.)

Mais uma vez são colhidas do Eden Brasilico duas flôres sem que suas petalass tivessem de todo desenvolvido o seu desabrochar...!! Mais uma vez a inexoravel parca cortou o fio de duas preciosas vidas! Mais uma vez o anjo da morte espantando suas azas nas trevas do sepulchro, arrebatou d'entre nós, na flôr dos annos, na primavera da vida, no florir de duas existencias innocentes, os virtuosos jovens Manoel Luiz Collaço, e José Luiz Collaço. Filhos extremos e reconhecidos; amigos dedicados, que buscavão longe dos lares paternos, o estudo o que com fervorosos desejos se dedicavão! . . .

A voz, a palavra, que se ergue agora

(1) O Sr. João Peixoto Lopes, lembrador da Cascata da Gloria.

MUTILADO

em consideração à estigma e à memoria dos illustres finados, é uma voz e uma palavra, que lhes era bem conhecida! Eu não venho empregar a linguagem da lisonja; não venho prostituir a palavra a favor do vicio; eu não venho emprestar aos mortos predicados e attributos que elles não possuíam. . .

Sim, esses jovens, que receberam de seus progenitores uma educação severa e perfeita, que implantou-lhes n'alma os sagrados principios de religião, de moralidade, de honradez, e de probidade, e lemen os preciosos, que elles souberão sempre conservar em todo o decurso de suas existencias!

Esses jovens, que tantas virtudes reuniam, que tan as affeições souberão conquistar, já não existem! para elles já raiou o dia eterno da posteridade e justiça! . . . Suas almas puras assomão no horisonte da eternidade!

Esses ais, esses suspiros tão repassados de tristeza, essas lagrimas de melancolico pezar, que se deslirão das fontes opprimidas, essa lage do Sepulcro humedecido de copioso pranto, o lacerante pungir de acerba dôr, que desce inexoravel, e escondeo para sempre frios corpos envoltos em negro crepe, tudo annuncia destruição aos amigos, á mãe carinhosa, ao pai extremo, á sociedade emfim uma grande perda! . . . Tudo significa, que a morte, surda ás fervorosas preces, lançou no vacuo da eternidade tão caras vidas! O homem com toda a sua intelligencia jámais quebrará o sello, que fecha o livro de seus arcanos! Se lá na etherea mansão dos justos, onde entre os anjos vós vos extaziaes perante o throno do Senhor, ouvireis no meio da harmonia celestes uma nota triste e lamentosa, recebe-a. . . . É um suspiro de saudade, que, com extremo adeos eu exhalo junto á vossa campa.

É vós extremosos pais, que na força da saudade buscaes por toda parte aquelles a quem o tumulo fechou no pouso do finados, olhai para a bella perspectiva de sua vida, e vel-os-heis no céu onde no côro dos Anjos rogão por vós; vel-os-heis ainda e sempre cá na terra, onde seus feitos os estampão com o colorido de nossas saudades; resignai-vos á vontade divina, conformai-vos com os invariaveis decretos do Altissimo.

Acompanhemos suas periginações neste vale de angustias, desfolhemos sobre seus tumulos tristes saudades, e saudosas perpetuas, e suppliquemos á Deos pelos seus descansos na mansão dos justos!

A terra lhes seja leve.

S. José, 8 de Outubro de 1864.

Zeferino José da Silva.

VARIEDADES.

MUTILADO Para ganhar o doce promettido, eis as respostas ás perguntas feitas no n.º 4 do *Pirilampo*.

A idéia que fazem do *Pirilampo* os meus bons conferraneos e amantes das letras, é excellente, menos os egoistas da sciencia e os regressistas.

Foi fundado com o fim de que tinha de desapparecer a sua luz passageira voando como insecto.

O tempo de seu desapparecimento é breve, e quando de novo apparecer será denominado — *Raio* — para desta fórma cahir sobre todos sem dó, nem compaixão.

O fim para que foi criado, foi adquirir um certo numero de pessoas para sustentar — *O Raio*. —

O numero das pessoas que o deestão, é pouco, apenas aquelles que aprecião a reputação de outrem mercadejada.

Os Pasquinhos.

O homem que não trepida marear a reputação de outrem com vivos, e infames caractéres traçados ás escondidas em um immundo e nojento pedaço de papel, e que acobertado pelo negro manto da noite prega em uma esquina essa detestavel satyra, — o que chamamos pasquim, tomando apenas por testemunho o céu e a terra; esse homem não tem alma, e nem faculdade.

Este homem não existe, e se entre nós permanece um tal automato, ha necessidade de expulsal-o de nosso gremio a fim de que a irradiação de sua contaminada intelligencia não se esparja entre muitas almas de coração bem formado, maculando o seu credito e honra. O homem que faz um pasquim, e vive entre nós com a mascara da innocencia, é um infame, um calumniador, um cobarde, ficalmente um desgraçado que temendo encontrar quem lhe cuspa nas faces, e um braço de ferro que lhe esmague, procura as trevas para saciar o seu nefando desejo. Um infame que não pode sustentar aquillo que disse no immundo papelucho. Homens ha que exercem com prazer essa *bella* profissão, procurando com sua ferina e corrupta linguagem descobrir as fraquezas de seus proximos, macular a innocencia, perturbar a paz, e marear a honra.

Tal he o atrevimento desses miseraveis que enfardado no lodaçal do vicio e da corrupção, dão a paternidade de suas nefandas obras á homens que se abysmão dessas vergonhas. He a Imprensa o orgão que se faz ouvido por toda parte, é por ella que devemos exprimir os nossos sentimentos desmascarando os nossos adversarios, se temos convicção de seus defeitos. O homem é livre, e portanto deve ser senhor de suas acções; porem aquelle que não tem dignidade, e não sabe respeitar quem a tem, é sem contradicção um ente desprezível, e absolutamente nocivo á sociedade. Quem procura as trevas para assassinar a honra alheia, só tem de homem a forma.

Charada.

Das tintas verdes sou uma 1
Da Grammatica sou artigo 1
Da musica sou uma clave 1

Concelto.

A Caçoeira que dizem
Parece uma cascata,
E' igual a fortaleza
Que dá gaiola se trata.

Esta charada é facil
Para qualquer decifrar,
Indo á rua do Fogo
Ha de por certo encontrar.

MOVIMENTO DO PORTO.

NOTA DAS EMBARCAÇÕES DESPACHADAS, E ENTRADAS NO PORTO DESTA CIDADE DESDE O DIA 14 ATÉ HOJE 29 DE OUTUBRO DO CORRENTE ANNO DE 1864.

Despachadas.

Para Santos.

Hiate — « São José. »

Para o Rio de Janeiro.

Patacho — « Wanzeller »

Idem — « S. Manoel »

Idem — « Pedro d'Alcantara »

Idem — « Gentil Americano »

Idem — « Alegre »

Hiate — « Lagunense. »

Para Santa Catharina.

Hiate — « Maria José »

Idem — « Annibal »

Idem — « Santo Antonio »

Idem — « Sandoval »

Idem — « Nova Fortuna »

Idem — « Garopaba »

Idem — « Sem igual. »

Entradas.

De Mangaratiba.

Sumaca — « Monte Bello. »

Do Rio de Janeiro.

Sumaca — « Bôa Nova. »

De Santa Catharina.

Hiate — « Nova Fortuna »

Idem — « Annibal »

Idem — « Itacuruby »

Idem — « Sandoval »

Idem — « Garopaba »

Idem — « Sem igual »

Idem — « Sant'Anna. »

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO!

Vende-se por preço razoavel uma fazenda da freguezia do Araranguá, municipio da Laguna, com 1,613 braças de frente com fundos até a serra geral, sendo as terras u berrimas, sem duvida as melhores daquella localidade; para tratar com seu proprietario Manoel José de Freitas Cardozo na cidade da Laguna.

Tambem vende muito em conta uma excellente morada de casas sita na mesma cidade, com os commodos sufficientes para numerosa familia.

Laguna 13 de Outubro de 1864.

Desterre, typ. do J. J. Lopes, rua da Trindade n. 1.